

# *Cem Haikus portuguesas*

*Aníbal de Sousa*

## *Notas sobre o Haiku*

*O Haiku é uma forma literária tradicional japonesa que nasceu da transformação progressiva de outras expressões poéticas mais remotas, como o Tanka, o Haikai no renga, o Hokku. É muito comum no Japão, onde sempre teve mestres cultores de grande prestígio.*

*Eram poemas combinados, em que participavam muitas pessoas, aristocratas em especial, e que chegavam a funcionar como divertimentos.*

*Foi Matsu Bashô (1644-1694) que conferiu dignidade literária ao Haikai. Mais tarde Masaoka Shiki (1867-1902) associou as formas Haikai e Hokku e criou o Haiku, tal como hoje se conhece.*

*Além dos já citados poetas podemos considerar ainda, por exemplo, os nomes de Yosa Buson (1716-1784), Kobayashi Issa (1763-1827) ou Santoka Taneda (1882-1940), todos autores de Haiku muito venerados no Japão.*

*O Haiku ganhou também inúmeros cultores de grande prestígio no resto do mundo, merecendo destaque a experiência brasileira de Afrânio Peixoto (1876-1947) e, sobretudo a de Guilherme de Almeida (1890-1969). Este último praticou um modelo de Haiku, que considerou mais próximo dos estilos de Bashô e Shiki, embora adaptados à especificidade da língua portuguesa.*

*Assim, temos que o Haiku, no modelo clássico, como no de Guilherme de Almeida, é constituído por três versos totalizando 17 sílabas métricas, sendo dois de 5 sílabas e um de 7, na forma 5-7-5. O primeiro dos versos deve rimar com o último, e no verso de 7 sílabas, a segunda dessas sílabas deve rimar com a sétima.*

*Na construção do Haiku deve considerar-se uma referência sazonal à época do ano ou ao estado do tempo e da Natureza – Kigo, e uma outra importante peça: Kireji, ou palavra de corte, que altera abruptamente a corrente poética.*

*O tema do Haiku deve ser sempre a Natureza, o tempo e as coisas naturais e simples, e deve ser elaborado no rigor e na economia linguística, evitando adjetivos, advérbios e ornamentos desnecessários.*

*Em Portugal também existem importantes cultores deste modelo poético. Pode citar-se a Professora Zlatka Timenova, docente da Universidade Lusófona, que tem composto Haikus em várias línguas, e a Professora Dr.<sup>a</sup> Patrícia de Jesus Palma, estudiosa e praticante do tema.*

*Pode citar-se ainda o poeta, cantor e compositor, Afonso Dias, autor de inúmeras peças do género.*

*Merecem destaque Leonilda Cavaco Alfarrobinha, inspirada autora do livro O Respirar das Flores, edição Pássaro de Fogo, Lousa, 2007, e Joaquim M. Palma, autor de uma versão portuguesa de Os Animais, de Kobayshi Issa, Assírio & Alvim, Porto, 2019.*

*Além de outros nomes, merece especial registo o poeta Casimiro de Brito, que viveu no Japão, onde estudou a língua local e traduziu poemas de Bashô e de outros autores. Este escritor foi galardoado com o Prémio Mundial de Haikus, atribuído pela World Haiku Association, de Tóquio.*

*De entre a sua vastíssima obra – mais de 70 títulos – podemos referir Memória do Paraíso, Editora Licorne, sem data nem local de edição. Este livro contém 333 Haikus, que não seguem, no entanto, a fórmula de Guilherme de Almeida, conferindo-lhe o autor uma tonalidade predominantemente erótica.*

*De sublinhar ainda o papel de alguns importantes tradutores que têm proporcionado a divulgação de Haikus de autores japoneses clássicos e contemporâneos. Sem recorrer a uma exaustiva investigação, invocamos a obra Rosa do Mundo – 2001 Poemas para o Mundo, Assírio & Alvim, Porto 2001. Aqui podemos encontrar trabalhos de dois eminentes escritores e académicos: Stephen Rekert e José Alberto Oliveira.*

*Stephen Rekert traduziu Bashô (1644-1694), Sora (1649-1717), Onitsura (1660-1738), Sodô (séc. XVIII), Ryôta (1707-1787), A Freira Sogetsu (séc. XVIII), Buson (1716-1784), Shiki (1867-1902) e Sen no Rikyo (1521-1591).*

*José Alberto Oliveira traduziu Mukai Kyorai (1651?-1704), Konishi Raisen (1674-1716), Takayama Kyoshi (1874-1959), Kobayashi Issa (1763-1827), Syôdai (séc. XVIII) e Kawabata Bôsha (1900-1941).*

*Resta referir a querela que existe em relação aos termos usados em Portugal e no Brasil para nomear este género poético. Há quem escreva Haiku, Haicu, Haikai e Haicai, referindo mais ou menos a mesma coisa. E isso é também evidente nos mais importantes dicionários da língua portuguesa.*

*Quanto a mim, que não sinto competência para tratar o assunto, passarei ao lado dessa polémica, escolhendo o termo Haiku, escrito desta forma, embora com a definição e modelo de Guilherme de Almeida.*

*AS.*

*i*

O Sol ferve no ar  
Em brasa; de frente à casa  
Fonte a festejar.

*ii*

Sombras a brincar  
No chão cheio de neve; o cão  
Passa sem ladrar.

*iii*

No ar a tarde grita  
Azul; sorri o Sol no Sul;  
A Lua sibarita.

*iv*

Vento na vidraça  
Vai manso; eu depois descanso.  
Na rua um gato passa.

*v*

O caminho ri  
Sem cor; no ar o Sol em flor,  
Lúbrico rubi.

*vi*

Pedras do valado  
Vão pardas; veredas, guardas  
Sobre o chão molhado.

*vii*

A chuva crepita,  
Resfria. No amarelo dia  
Um velho tiritita.

*viii*

A noite não tarda.  
Ar quente; Lua Plena e gente.  
Luzes na mansarda.

*ix*

Um pássaro passa  
E risca o espaço; faísca  
O mar na barcaça.

*x*

No jardim florido  
A abelha trabalha; a velha  
Com o olhar perdido.

*xi*

O cerro vigia  
O rio que lesto fugiu.  
Já vai longo o dia.

*xii*

A folha cai ao chão  
E dança; logo descansa.  
Adeus do verão.

*xiii*

A noite cintila  
E a Lua vaidosa vai nua:  
Noiva rejubila.

*xiv*

Cai a geada na rosa,  
A neve cai muito leve;  
Virgem vaporosa.

*xv*

O galo a cantar  
Festivo; decreto altivo.  
O Sol a raiar.

*xvi*

O melro a brincar  
Na horta; espreito-o da porta,  
Põe-se a solfejar.

*xvii*

O comboio rola  
Feliz, vai nos seus carris;  
Uma barcarola.

*xviii*

O trânsito agasta  
A gente; traz a serpente  
Que infinita se arrasta.

*xix*

Meninos a brincar  
No chão; rodopia o pião  
Que não quer parar.

*xx*

O Sol a nascer  
Vermelho; no vale, um velho  
Que não vai morrer.

*xxi*

Sino a suplicar  
Na igreja; Deus nos proteja.  
Chuva a jubilar.

*xxii*

A manhã de Abril  
Convida a viver a vida;  
Abriu-se o redil.

*xxiii*

Um aroma no ar;  
Jardim sorrindo ao jasmim.  
A jovem no lar.

*xxiv*

Estrelas no céu,  
Um manto cintila, santo.  
Vai sem noiva o véu.

*xxv*

Amendoeira em flor,  
Alvura que pouco dura.  
Um breve fulgor.

*xxvi*

Vento na ramagem  
Da ágil roseira frágil.  
Hábil jardinagem.

*xxvii*

Passos na viela  
Escura; uma festa impura.  
Apelo à janela.

*xxviii*

Um barco a zarpar;  
No cais, acenos finais.  
A gente a chorar.

*xxix*

Manhã de neblina:

Um véu cobre o dia e o céu.

Suspira a campina.

*xxx*

O moinho espera

O vento; descansa um momento.

Já é primavera.

*xxxi*

Está calmo o mar;

As ondas brincam redondas.

Gaivota a pairar.

*xxxii*

Com o olhar distante,

Donzela olhando à janela:

Está longe o amante.

*xxxiii*

Na orla da floresta  
As fadas vão de mãos dadas;  
Os faunos na sesta.

*xxxiv*

No bosque florido,  
Bravia era a festa; alegria.  
O amor proibido.

*xxxv*

No barco veleiro,  
De vela larga amarela,  
Feliz passageiro.

*xxxvi*

Na serra o rebanho  
Que pasta na encosta vasta  
Vê nascer um anho.

*xxxvii*

A lareira acesa;  
Calor que invoca o amor.  
O jantar na mesa.

*xxxviii*

Está frio lá fora;  
Em casa a lareira em brasa.  
Ninguém vai embora.

*xxxix*

O pinheiro manso  
E forte; redondo porte.  
À sombra descanso.

*xl*

Uma amora brava,  
Escura, da silva impura  
Não quer ser escrava.

*xli*

Banco de jardim

Pousado à sombra, cansado.

Ri e repousa assim.

*xlii*

Riso de criança:

A paz que a pureza traz.

Um passo de dança.

*xliii*

Procissão na aldeia;

A gente vai penitente.

A chuva escasseia.

*xliv*

A água da fonte

Vai fria refrescar o dia

Na falda do monte.

*xlv*

Um acordeão:  
Doçura na toada pura,  
Bate um coração.

*xlvi*

As nuvens no céu,  
Pinturas lá nas alturas;  
As ninfas sem véu.

*xlvii*

As paredes brancas  
Dos lares já seculares,  
São puras e francas.

*xlviii*

A jovem bonita  
Na rua passa e, como a Lua,  
Lá no céu gravita.

*xlix*

Florzinha do mato  
Ri pobre e modesta; nobre  
E altiva no trato.

*l*

O vento assobia  
Nas telhas; rezam as velhas.  
Noite de invernã.

*li*

A cigarra rasga  
O espaço, sem ter cansaço  
E nunca se engasga.

*lii*

O palhaço tropeça:  
Palmadas e gargalhadas;  
A dor de cabeça.

*lii*

Feliz borboleta  
Pintada, de asa bordada,  
Não lhe falta nada.

*liv*

Há risos e flores  
Na festa; tudo o que resta  
No fim dos amores.

*lv*

A formiga forte  
Enfrenta a subida, atenta,  
Não lamenta a sorte.

*lvi*

O autocarro chega,  
No fole a multidão engole,  
Atrasada e cega.

*lvii*

Abre-se a janela;  
Vai gente a passar em frente.  
O cão com a trela.

*lviii*

À beira do charco  
A rã arranha a manhã.  
Ao largo vai um barco.

*lix*

Um sapo no lago  
Coaxa cansado em voz baixa;  
Precisa de afago.

*lx*

De manhã, o frio;  
Pombais cheios nos quintais.  
Vai gelado o rio.

*lxi*

Tarde o rouxinol  
Desperta a cotovia incerta;  
Vai nascer o Sol.

*lxii*

Festa no jardim:  
A rosa branca desposa  
O alegre alecrim.

*lxiii*

O despertador  
Alerta e pronto desperta  
Do manso torpor.

*lxiv*

Pela greta grossa  
Grita na gruta o granito;  
Um grilo que almoça.

*lxv*

Um grito na rua;  
A mulher passa a correr.  
Que desgraça a sua.

*lxvi*

O batel no mar;  
Nas fragas rebentam vagas.  
Velhas a rezar.

*lxvii*

A senhora fina  
Que vai de salto alto, cai.  
Faz troça a menina.

*lxviii*

Ventania na tarde;  
Jasmim treme no jardim.  
Deus o salve e guarde.

*lxix*

Pardais a brincar  
No chão. Migalhas de pão.  
O gato a rondar.

*lxx*

O cisne passeia  
Altivo, com o ar lascivo  
De uma sereia.

*lxxi*

Passa o funeral;  
Chapéu na mão, olhos no céu.  
O tema banal.

*lxxii*

A banda a tocar  
Na rua; o homem do bombo sua.  
Muita poeira no ar.

*lxxiii*

O circo acordou  
A vila. Gente na fila.  
O trapézio voou.

*lxxiv*

Um tango na pista;  
O par enleado a dançar  
À hora prevista.

*lxxv*

Jaz o livro aberto;  
Na mesa uma candeia acesa.  
Um lugar deserto.

*lxxvi*

A criança ao colo  
Da mãe que nem mama tem;  
Um parco consolo.

*lxxvii*

Ondula a seara  
Serena em campina amena.  
A brisa não para.

*lxxviii*

A Estrela Polar  
Vigia; sentinela e guia.  
Não sai do lugar.

*lxxix*

Põe-se o Sol no mar:  
A gema divina é um poema.  
Vai ressuscitar.

*lxxx*

O vinho borbulha,  
Gargalha vivo na talha;  
Na selha mergulha.

*lxxxi*

O deserto moreno  
Que arde impiedoso na tarde;  
Não sei se o condeno.

*lxxxii*

Menina à janela;  
Nutrido colo florido.  
Sensual aguarela.

*lxxxiii*

O espelho na sala;  
A valsa que a orquestra realça.  
O baile de gala.

*lxxxiv*

A chaminé a fumar  
As francas bandeiras brancas.  
No lar o jantar.

*lxxxv*

O fogo na serra.

Chamas consomem as ramas.

É como na guerra.

*lxxxvi*

O espelho revela,

Falseia, castiga, premeia.

Olhar com cautela.

*lxxxvii*

Fruta no pomar;

O grão na tulha e o marrão.

Fartura no lar.

*lxxxviii*

Um fado menor;

Resiste a guitarra triste

Infeliz no amor.

*lxxxix*

A uva madura  
Espera a vindima austera;  
Na adega a tortura.

*xc*

Cabana no monte;  
A terra ruiva da serra.  
Na frente uma fonte.

*xcí*

Jovens a cantar  
Na rua; serenata. A Lua  
Decide brilhar.

*xcii*

Couval; vai no pasto  
Ao sol, calmo, o caracol.  
Pardal no seu rasto.

*lxciii*

Amola-tesoiras;  
A flauta indolente e arauta.  
Cutelos, rasoiras.

*lxciv*

Vai de braço dado  
O par amoroso a andar;  
Romance iniciado.

*lxcv*

Pregão de varina:  
Tem pressa, o peixe à cabeça;  
Marujo na esquina.

*lxcvi*

Saudade infinita:  
Candeia já acesa na aldeia.  
Um corvo crocita.

*lxcvii*

As ruas vazias;  
Surpresas montras acesas.  
A noite agonia.

*lxcviii*

O galo na torre,  
Cinzento no catavento.  
No Entrudo ele morre.

*lxcix*

A tarde a queimar  
A praça; povo que passa.  
Ninguém quer falar.

*c*

A feira franca:  
A gente segue em torrente,  
Vai de banca em banca.

